Das Spiel mit der Gewalt

Einführung: Als Kinder spielten wir Krieg, mit Zinnsoldaten. Später liessen wir Cowboys gegen Indianer kämpfen, lasen begeistert Karl May, Tom Prox und Bill Jenkins Hefte. Einer gewann immer der andere endete tot.

Es war kaum zu glauben, der fürchterlichste aller Kriege war gerade einige Jahre beendet, hatte aber offensichtlich bei vielen Kindern keinen tieferen Eindruck hinterlassen – der Urtrieb war stärker.

In den 1950er und 1960er Jahren tauchte ein Kriegsfilm nach dem anderen auf, als hätte man selbst nicht genug davon gehabt. Ich denke an des Teufels General mit Curd Jürgens 1950, oder in den USA mit dem Kriegshelden als Schauspieler, Audie Murphy, „To the hell and back“.

Das Publikum liebte immer die starken Männer, Arnold Schwarzenegger als Terminator oder Sylvester Stallone als Rambo. Dabei ging es immer um Gewalt, für oder gegen das Gute, aber es musste Blut spritzen und die Gegner wurden reihenweise platt gemacht. Das Publikum aber, machte es sich wohlig im Kinositz breit, als Chips oder Pop Corn und sah immer den Guten gewinnen.

Man sieht schon daran, die Menschheit liebt im Prinzip die Gewalt von Kindesbeinen an, nur durch Erziehung, das Umfeld und strenge Gesetze lässt sie sich davon abhalten nicht selbst aktiv zu werden. Dabei gibt es zwei Welten, die nach Frieden sucht, ein angenehmes Leben mit Sicherheit und Erfolg anstrebt, aber auf der anderen Seite steckt in jedem ganz tief im Unterbewusstsein, ein Terminator oder Rambo.

Wenn nun die Wirklichkeit die Fantasie einholt und diese Gewalt real wird, ist man betroffen und erschüttert, denn die Komfortzone ist vorbei. Die Bilder die heute vom Fernsehen aus der Ukraine übermittelt werden, sind nicht unbedingt schlimmer als die in all den Actionfilmen mit Terminator und Rambo, nur das eine war Spiel und das andere ist die nackte Wirklichkeit, denn auch im wirklichen Leben gibt es einen Rambo. Daran hatte man nicht gedacht.

Brincando com a violência

Introdução: Quando crianças, brincamos de guerra, com soldados de lata. Mais tarde deixamos os cowboys lutarem contra os índios, e lemos entusiasticamente os livros de Karl May, e os livretos de Tom Prox e Bill Jenkins. Um sempre ganhava e o outro acabava morto.

Era difícil de acreditar, a mais terrível de todas as guerras tinha acabado por alguns anos, mas obviamente não tinha deixado uma impressão mais profunda em muitas crianças – o instinto primitivo era mais forte.

Nas décadas de 1950 e 1960, um filme de guerra atrás do outro apareceu, como se você mesmo não tivesse tido o suficiente dela. Estou pensando no General do Diabo com Curd Jürgens em 1950, ou nos EUA com o herói de guerra como ator, Audie Murphy, "Para o inferno e para trás".

O público sempre amou os homens fortes, Arnold Schwarzenegger como Exterminador do Futuro ou Sylvester Stallone como Rambo. Era sempre sobre violência, a favor ou contra o bem, mas tinha que espirrar sangue e os oponentes eram achatados em filas. O público, no entanto, se sentia confortável na cadeira de cinema, comendo batatas fritas ou pipocas, e sempre via a boa vitória.

Como você pode ver, a humanidade "ama" a violência desde a infância em princípio, e somente através da educação, do meio ambiente e das leis rígidas pode ser impedida de tornar a violência ativa. No ser humano existem dois mundos, um que busca a paz, se esforça por uma vida confortável com segurança e sucesso, mas, por outro lado, todos tem no fundo do subconsciente, um Exterminador ou Rambo.

Quando a realidade alcança a fantasia e essa violência se torna real, você é afetado e abalado, porque a zona de conforto acabou. As imagens transmitidas hoje pela televisão da Ucrânia não são necessariamente piores do que as de todos os filmes de ação como O Exterminador do Futuro e Rambo, apenas um era jogo, ficção, e o outro é a realidade nua, porque mesmo na realidade há um Rambo. Não havíamos pensado nisso.